



## Going para onde?

**N**AS ÚLTIMAS semanas, a imprensa tem noticiado um negócio de contornos nebulosos – e cujo alcance ainda estamos longe de ver e perceber.

O negócio tem enorme significado, pois mexe com importantes áreas, ao mais alto nível: a comunicação social, a banca, a política.

E quando digo isto não me refiro propriamente à entidade que esteve no centro das notícias – a Ongoing, uma empresa recente e cuja origem do capital não conheço bem.

Refiro-me a outros parceiros citados no negócio, como o BCP, o BES, a Media Capital (proprietária da TVI), a Impresa (proprietária da SIC), para além do Governo.

Este negócio, na verdade, mexe com quase tudo.

Até com emoções íntimas.

**C**OMECEMOS por aqui. O patrão da Ongoing, Nuno Vasconcellos, que é importante accionista da Impresa e manifestou interesse na compra da TVI, fez há três semanas uma proposta a Balsemão que o ofendeu.

Segundo o que constou, a Ongoing propôs-se injectar 50 milhões na Impresa para fazer face ao seu enorme passivo – e, em troca, Vasconcellos assumiria a direcção executiva do grupo (CEO), passando Balsemão a uma posição quase honorífica (*chairman*).

*Last but not least* – e ainda segundo o que veio a público –, os seus filhos deveriam abandonar as posições que ocupam no grupo.

A ser verdade, compreende-se o melindre de Balsemão.

Vasconcellos não só lhe dizia indirectamente que estava velho e incapaz de assegurar a liderança do grupo que fundou como afastava os seus filhos da linha de sucessão.

Ora, se custa sempre ouvir uma coisa destas, ainda custa mais ouvi-la da boca de um afilhado, filho do seu melhor amigo (Luiz Vasconcellos, recentemente falecido, seu braço-direito e leal número dois durante 35 anos).

**U**MA dúvida, entretanto, ocorre: donde vem todo o dinheiro de Nuno Vasconcellos?

Como é que, tendo sido o



seu pai sempre um 'subalterno' de Balsemão, Vasconcellos surge com dinheiro para pôr Balsemão em sentido e o remeter a uma posição honorífica?

Líder de uma consultora pouco conhecida, a Heidrick & Struggles, ele só surgiu na ribalta há três anos, ao comprar uma quota relevante na PT, que hoje ronda os 7%.

Depois, deu quase 30 milhões de euros pelo *Diário Económico* – e agora prepara-se para pagar mais de uma centena de milhões pela TVI, não tendo ainda perdido as esperanças de controlar a SIC.

Simultaneamente, sabe-se que deve à banca – leia-se BES e BCP – qualquer coisa como 600 milhões de euros.

E, se o pagamento de juros de uma dívida deste montante já é uma tarefa hercúlea, amortizá-la parece uma missão quase impossível.

**C**OMO pode um grupo com este passivo abandonar-se à compra de uma estação de TV?

Terá Nuno Vasconcellos uma capacidade de endividamento ilimitada?

A posição dos bancos envolvidos também suscita interrogações.

Numa época em que se prendem banqueiros, em que se exige transparência e mais regulação, como compreender que os bancos invistam tanto dinheiro numa área de grande risco como a comunicação social?

O BCP, que há um ano pa-

recia muito preocupado com o milhão de euros que tinha no SOL, o que pensará das centenas de milhões que disponibilizou ao grupo de Nuno Vasconcellos?

E o BES?

Qual será a posição do BES no meio disto?

Quais serão as garantias do BES?

E o que valem as garantias, neste tempo de grande crise e incerteza?

A propósito: alguém poderá dizer o que vale a TVI sem José Eduardo Moniz?

**É** PRECISO acrescentar – e aí poderá estar a explicação para muita coisa – que nestes negócios se cruza perigosamente a política.

Para já, estas movimentações provocaram o afastamento de Moniz da TVI – e em breve farão outra vítima: Manuela Moura Guedes e o seu jornal de sexta-feira.

Ora sabe-se o que Sócrates os apreciava.

E, sendo os resultados da TVI bastante bons, quer em termos financeiros quer de audiências, a saída do director-geral só é explicável num quadro de movimentações políticas.

Além disso, ninguém ignora a relação umbilical entre o BCP e este Governo.

Ao financiar este projecto de risco, o BCP é pelo menos suspeito de participar numa operação que, em boa medida, visa objectivos políticos.

E o mesmo se poderá dizer do BES – que, embora seja

uma instituição independente, nunca escondeu o seu apoio ao actual primeiro-ministro, tendo Ricardo Salgado feito diversas intervenções públicas nesse sentido.

**N**ÃO estamos aqui perante uma história de sexo, mentiras e vídeo, mas de política, banca e televisão, com umas supostas traíções pelo meio.

É muito cedo para saber onde isto tudo vai dar.

Mas ninguém duvide: dará pano para mangas.

Nuno Vasconcellos vai estar debaixo dos holofotes – e, a partir de agora, todos acompanharão os seus próximos passos e quererão meter o nariz nas contas das suas empresas e nos seus passivos bancários.

Balsemão tentará resistir ao assalto do afilhado, mas poderá soçobrar dada a fragilidade financeira do seu grupo.

O BES e o BCP vão ter de ser muito cautelosos para que as centenas de milhões com que estão a financiar negócios na comunicação social não suscitem demasiadas suspeitas – reforçadas pelo facto de serem áreas de risco e totalmente fora do seu *core business*.

A TVI e a SIC são, nesta história, os cordeiros inocentes à espera de ser sacrificados.

E que ninguém tenha dúvidas: a saída de Moniz vai ter profundas consequências na orientação da estação.

Quanto à SIC, a saída de Balsemão também provocaria uma enorme reviravolta.